

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Setembro de 2025 - Nº 639

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

ADEUS, SHIRLEY PEREIRA

L. A. GENGHINI

No último dia 07 de setembro de 2025, aos 87 anos de vida, depois de longa enfermidade, deixou-nos o primo Shirley Pereira, filho de Anita Gotardello e José Pereira, deixando esposa, sobrinhos, parentes e um mundão de amigos pela cidade de Monte Sião.

Afirma-se que Shirley Pereira era de descendência, por parte de pai, de major Antonio Bernardes de Souza, fundador de Monte Sião, e, por parte de mãe, era neto de Ernesta Ermínia Genghini, portanto, bisneto de Giovanni Battista Genghini, imigrantes italianos chegados no Brasil e estabelecidos em Monte Sião entre os meses de março e abril de 1896.

Na juventude, devido às poucas oportunidades em Monte Sião, migrou

para São Paulo, juntamente com outros colegas, inclusive o primo Ismael Rielli, onde trabalhou em várias atividades. Como ascensorista e no comércio, em loja de material de construção, onde aprendeu o ofício de comerciante na área, para depois realizar uma bem sucedida loja de materiais de construção civil, ativa e muito respeitada até os dias de hoje.

Tenho uma lembrança muito viva de minha infância, quando íamos à casa da Anita, mãe do Shirley, e ela nos regalava com lápis promocionais que ele ganhava dos fornecedores em São Paulo e os deixava com a sua mãe, que, por sua vez, nos presenteava.

Na década de 60, depois do falecimento precoce de seu pai, Shirley voltou a Monte Sião e montou uma pequena loja em um cubículo, embaixo da escada do sobrado que existe

até hoje e onde ele passou toda a sua vida. Dali, naquele pequeno espaço, ele venderia materiais elétricos e materiais de construção, raridade na época, em Monte Sião. Antes, quem precisasse de material de construção iria depender das cidades vizinhas.

O sucesso de seu pequeno negócio, associado a uma fase de abrupto crescimento da cidade, nos anos 70, ensejou a oportunidade para o Shirley ampliar o negócio, tendo construído um prédio na avenida J. K de Oliveira, onde funciona até os dias atuais e devera' continuar funcionando. Registre-se que Shirley tratava os funcionários com respeito, tanto que, todos se estabeleceram nos empregos.

Shirley era homem paco, observador, de poucas palavras e fiel aos seus amigos e clientes. Tinha entre seus melhores ami-

gos o Ivan Mariano, o João da Borda, o Ugo, o Raimundinho e outros tantos que nunca o deixavam desacompanhado.

Inspirado em sua ascendência de pioneiro, sempre esteve atento às necessidades da cidade, ajudando em obras sociais como o Asilo e nas reformas das igrejas.

Há uns 10 anos, quando resolvemos escrever uma monografia sobre "A Saga dos Imigrantes Italianos no Sul de Minas – O caso da família Genghini", visitamos o Shirley para falar do projeto e fomos atendidos com muito carinho, interesse e comprometimento. Na época ele nos ajudou fornecendo informações a respeito dos filhos e netos de Ernesta Ermínia Genghini, inclusive a foto que incluímos no livro.

Ao seu modo, o primo Shirley Pereira foi grande,

porque soube se fazer presente e interagir proativamente onde quer que fosse chamado. Merece todas as honras e homenagens póstumas que a cidade possa lhe render.

Salve, Shirley Pereira! Que Deus o acolha em bom lugar, de onde possa nos enviar vibrações positivas.

Até qualquer hora, pessoal!



CRÔNICAS DA MINHA GENTE

O ANJO DO SENHOR

IVAN

O Anjo do Vito, com este nome só poderia ser titular do time da Associação Atlético Monte-sionense. Titular porque ator. Ele tinha ginga, bamboleio, drible de corpo sem tocar na bola ou no adversário, fintas de tirar a fala. Ao vir das alturas, quando todos matavam a bola, nos pés do Anjo ela desfalecia. Um caso de paixão mútua ou pruridos do amor, acho. Na linha média, espaço que ele chamava de alpendre, recebia os adversários, tratando-os com finura e respeito, pois que fora também garçom, entendia de etiqueta. A grande área ele tinha como sua sala de visitas, punha qualquer truculento sentado, quando não deitado, puxava tapetes e cadeiras, enviava a bola entre as pernas dos visitantes, sem magoar. Sua cozinha ficava na pequena área. Ali transformava a defesa, como mágico ou químico audaz, em gato e chuteira. A pequena área era onde matava a fome do

gol. Porém, diferentemente dos demais artilheiros que estufam a rede, o Anjo, reverente, apenas soprava a bola em suas malhas, como os antigos sopravam um beijo depositado na mão à namorada. Seus pés exalavam. A chuteira arfava. Era amor, sim, tenho certeza. Ao subir para o cabeceio, a bola não era simples esfera: era uma auréola a lhe cingir a cabeça, dando-lhe dimensões de santidade esportiva e fazendo dele anjo de exceção. Quando não se bastava como garçom, distribuindo bolas de bandeja, versátil punha-se de cozinheiro nos passes de chaleira; de camareiro, ao aplicar lençóis; ciclista nos gols de bicicleta; dava o drible da vaca como um boiadeiro e, intelectual, oferecia canetas, marcando gols e mais gols de letra; fulminava com petardos, quando se fazia artilheiro militar em tempo guerra e, astrônomo, ao disparar bólidos.

Entretanto, para que seu desempenho em campo fosse o esperado

e ideal, o presidente do clube – Mancino Manganelo – era forçado a tomar providência no sábado que antecedia o jogo, decisão que, se não drástica, explicável. É que o Anjo, principalmente nos finais de semana, e no transcorrer dela também, se via arrastado a tomar umas birritas a mais, distração salutar, mas que prejudicava de forma devastadora sua performance nas canchas monte-sionenses. Por amor e devotamento à agremiação que dirigia, seu Mancino, por outro lado, tinha a inclinação lógica de sujeitar o Anjo a regime de concentração, sempre que a AAM tinha partidas a cumprir. Avistava-se, então, com o delegado de polícia e, com toda a educação com que fora criado, solicitava à autoridade que recebesse a pessoa do seu atleta, em caráter de hóspede, no sábado, e até minutos antes da peleja, no domingo. Na falta de quarto confortável à altura das fintas do Anjo, pedia, ainda, que o referido ficasse isolado

numa das celas disponíveis e, se possível, trancada, para evitar a invasão de moscas, bactérias pugilistas ou até mesmo de borboletas assassinas que pudessem atrapalhar o sono, a saúde e o justo descanso do imprescindível craque. O presidente garantia resgatar o jogador ali pelas três e meia, sem tempo para extravagâncias, mas suficiente para entrar em campo inteiramente sóbrio e livre de qualquer distúrbio – ressaca, zonzeira, vômito ou mesmo um trago escondido – que viesse atrapalhar sua galhardia e elegância em campo. A execução perfeita dessas providências permitia que o Anjo lavasse a égua em toda partida, resultando sempre na vitória da nossa equipe, mesmo quando perdia: o espetáculo forjado pelo Anjo, isto é, a finalidade do esporte fora cumprida com maestria.

Num dia em que se descuidou da concentração do mágico dos dribles, o Anjo foi encontrado sem vida, dentro do corguinho que margeia Monte Sião, parece que afogado, mas ainda com vestígios do álcool exalado pelo sorriso de satisfação que lhe ficou na boca paralisada. O Anjo do Vito fora promovido

a Anjo do Senhor. Há quem acredite – eu não sei – que, encolhido na posição fetal, tomou modos de bola de capotão, que saiu rolando pelo nosso campo de futebol, percorreu as redes, carinhosamente, posicionou-se no meio do campo e só depois partiu impulsionada pelo chute final. Pelo que se tem notícia, foi a única vez que uma bola subiu ao firmamento e jamais retornou. Teólogo desta nobre – mas singela cidade – chamaram o fenômeno de “Assunção do Anjo”. A partir daí a AAM passou a perder suas partidas, mesmo quando vencia.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

POUCO CASO II

Quando me leio
sou o livro
que já li

Se me ouço
ouço a voz
e não me escuto

Então só vejo
que já não sou
o que já fui

Daí porque
sou o fantasma
que conclui

para mim
sou um defunto

então... morri

Popo de Sião

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 83

ISMAEL RIELI

A Teia de Penélope

É um trabalho que nunca termina e que está sempre principian-do; que nunca é inteiramente feito, mas nunca sai das mãos de quem o faz. Segundo a lenda Grega, narrada por Homero, Penélope, esposa de Ulisses, permaneceu fiel ao marido, graças à habilidade com que soube manter à distância os numerosos pretendentes que aspiravam à sua mão. Tendo Ulisses embarcado para tomar parte na Guerra de Tróia e, após muitos anos de ausência, não havendo notícias de que estivesse vivo, os pretendentes começaram a importuná-la, tendo ela prometido escolher um dentre eles quando terminasse de fazer para o seu sogro um bordado no qual estava trabalhando. Todas as noites, porém, ela desmanchava às ocultas uma parte do bordado, de sorte que por mais que trabalhasse nunca o terminava. Por fim, ao cabo de vinte anos, che-

gou Ulisses, que a encontrou ainda entregue à tarefa, e foi por ela reconhecido, apesar da longa ausência, porque só ele tinha força para fazer vergar o arco que deixara em Ítaca e nele desferir uma seta de doze anéis.

Josmar Beltrami – Uma Trajetória Vitoriosa.

O casal Antônio e Alzira Beltrami teve 11 filhos. Josmar era o sexto.

Antônio Beltrami era o responsável pela manutenção dos ônibus do Expresso Brasil que tinha a linha Ouro Fino – São Paulo.

Depois mudou para Serra Negra. Pelo resto da vida, trabalhou para os Chedid, cuidando-lhes das frotas de ônibus.

Nascido em Monte Sião em 1944, o pespontador do alfaiate Vicente Benati, no apogeu da juventude, resolveu alçar voos e abalou-se para São Paulo.

São Paulo.

Convidado pelo meu primo Shirley Pereira, Josmar e Álvaro Penna-

chi foram morar conosco num quarto sem janela, na Rua Dona Veridiana, 207, bem atrás da Igreja Santa Cecília.

O Banco Moreira Sales, do Nicolino do Jair, sempre teve fortes vínculos com Monte Sião e foi no Moreira Salles que Álvaro e Josmar ingressaram, no primeiro degrau, como contínuos.

Álvaro, apaixonado pela filha do João Portu-

guês, não aguentou São Paulo por muito tempo. Josmar fez carreira. Na vaga do Álvaro, quando já habitávamos uma quitinete na famosa Maria Antônia, em dois beliches, veio outro montesionense, Ilson Mariano, o nosso querido João Gibão.

Josmar só tinha o primário. Fez o madureza num colégio particular na Rua Riachuelo, per-

to da São Francisco, e administração na São Judas. Entrementes ia galgando degraus no Moreira Sales: caixa, chefe de seção, contador, sub gerente, gerente de várias agências na capital. Inspetor regional e depois, quando, ao ser incorporado, o banco virou Unibanco, Josmar tornou-se um dos diretores, o cargo mais alto da carreira.

Aposentado, abriu uma Factoring em Santana, bairro onde residia. Teve uma rede de 5 farmácias na capital. Não se esqueceu da terra onde nasceu. Por seu intermédio o Unibanco patrocinou a impressão, em papel couchê, de dois livros do Lola: Monte Sion Amore Mio e Fragmentos Históricos.

Iniciei minha carreira de professor em 1965 no Colégio Augusto Meireles, no Imirim. Para a festa junina da escola, convidei Josmar. Lá ele encontrou Glória Cyrne, minha aluna da segunda série. Encantaram-se, apaixonaram-se. Engatilharam namoro e noiva-

do firmes. Fui padrinho de casamento. Curtiram a vida. Viajaram várias vezes pras oropas. Tiveram dois filhos: Braulio e Felipe e uma filha Daniela casada com Salvador Scorza que lhes deu um neto, Lorenzo.

Braulio assumiu a Factoring desde que o pai adoeceu há uns bons anos. Felipe seguiu a carreira do pai e ocupa posto alto no Itaú.

Cremado, as cinzas do ilustre montesionense serão trazidas para o tumulto da família em Serra Negra.

Josmar, um cabra arretado.

Vitória de Pirro

Esta locução serve para caracterizar todas as vitórias custosas, alcançadas à custa de imensos sacrifícios. Pirro, Rei do Épiro, conquistou a vitória sobre os Romanos na batalha de Asculum, no ano 279 antes de Cristo, perdendo, porém a flor do seu exército no sangrento encontro. Teria, então, exclamado: “Com mais uma destas vitórias estarei perdido!”.



GENERALIDADE E NORMALIDADE

DANILO ZUCATO ROBERT

Muitas vezes pensamos que aquilo que a maioria faz ou acredita é o que deve ser considerado normal. Mas essa associação entre o que é geral e o que é normal pode ser enganosa. A frequência de um comportamento ou pensamento em uma sociedade não o transforma automaticamente em algo legítimo, desejável ou que deva ser continuado.

O filósofo Michel Foucault mostrou que o que chamamos de “normal” não nasce de forma espontânea. Ele depende de regras invisíveis que organizam os discursos e definem o que pode ser dito ou pensado em cada época. A normalidade, nesse sentido, não é apenas o que muitos repetem, mas o que se ajusta a essas regras de poder e de saber que moldam a sociedade. E o que se percebe nesse caso é que muitas pessoas se submetem inconscientemente à adequação e conformidade às ‘regras’ e principalmente à falta de crítica e autocrítica: a transformação do homem (ou da mulher) no homem-massa.

José Ortega y Gasset, em A Rebelião das Massas, descreveu o que chamou de “homem-massa”: alguém que se contenta em ser como todo mundo. Para ele, esse homem se sente satisfeito em pensar e agir de acordo com a

maioria, sem buscar fundamentos próprios para suas opiniões. O risco disso é transformar a generalidade — o que a maioria faz ou pensa — em um falso critério natural de valor e de como agir.

Avaliando uma massa acéfala e acrítica se encontra o que Adorno e Horkheimer denominaram cultura de massa. Filmes, músicas e programas de entretenimento são produzidos em série, segundo fórmulas e ideias repetidas tantas vezes que moldam os gostos, conceitos de mundo e hábitos do público. A impressão é de que escolhemos livremente, mas, na verdade, estamos sendo conduzidos por padrões que se repetem até se tornarem “naturais”. Assim, o que é fabricado acaba se impondo como normalidade.

“Ao atuar, como costuma fazer a maioria, por puro mimetismo despersonalizado”, diz Rafael Llanos Cifuentes, tenta-se legitimar comportamentos e ideias, “dando a entender que o majoritário coincide com o verdadeiro ou que uma ideia é tanto mais válida quanto mais popular. Não se percebe o fato de que ao se pensar assim estão identificando como sinônimos dois conceitos - generalidade e normalidade - que têm um sentido essencialmente diverso.”

Ele continua: “A generalidade (...) que está na ordem da quantidade, do “ser de fato”, nunca pode

substituir a normalidade, que está na ordem da qualidade, do ‘deve ser’, do que corresponde a uma norma (...)”.

A crítica ou autocrítica neste meio gera incômodo, atrito, o que na sociedade de massa é indesejado. O micro se repete no macro: um ‘corpo estranho’ é rejeitado pelo corpo humano por mecanismos de defesa. Socialmente, acontece o mesmo: o ser-massa rejeita o não-massa. Daí surge um problema psicossocial: a necessidade de aceitação. Sem a autocrítica e com a necessidade inconsciente de pertencimento, o não-massa cede às necessidades psicobiológicas e se torna ser-massa. Qualquer pensamento para além do pensamento geral-normal é repudiado, ou ‘cancelado’, em nossos dias. A opinião daquele está reformulada e dissolvida com a dos outros ao redor.

Distinguir entre o que é comum e o que é normativo é fundamental para manter viva a capacidade crítica. Nem tudo que é frequente merece ser seguido, nem tudo que é normalizado deve ser aceito sem reflexão. Ao confundir quantidade com valor, acabamos entregando nossa liberdade de pensamento. Questionar o que se apresenta como normal é, muitas vezes, o primeiro passo para resistir à força da massa. Se a voz do povo fosse a voz de Deus, Ele seria uma criança mimada.

PAULO FRANCO

Ele tinha pressa. Acordou antes do sol nascer. Tentou em vão distinguir alguma imagem no escuro do quarto. Nada. Acendeu a luz do abajur ao lado da cama e permaneceu um tempo deitado, movimentando a cabeça, esquadrinhando cada detalhe no teto, nas paredes. Levantou-se, contou seis passos, e abriu. Primeiro as cortinas e depois as portas de vidro que acessava a varanda. Voltou para a cama e se acomodou sentado, entre travesseiros de pluma de ganso e cobertas macias. Apagou a luz do abajur e se pôs a olhar para o quadro negro que tinha à sua frente, quebrado apenas por duas ou três estrelas naquele fim de noite sem lua.

Aos poucos, diante dos seus olhos, o quadro começou a se revelar. Primeiro uma fina linha começou a se desenhando no horizonte, contornando montanhas ao longe. O céu ganhava cores, tons de amarelo embaixo, rosa no meio e um degradê azul, encimando tudo. Abaixo as montanhas se tingiam de um verde escuro e outros tons de verde iam surgindo, uma ou outra árvore em flor se revelavam como pinceladas

MUITO ALÉM DA NEBLINA

de cores no quadro que se exibiam aos seus olhos. Um alaranjado flertava com um vermelho, quando o sol se insinuou entre eles e a magia se completou, provocando uma emoção que ele não sentia havia muito tempo.

Depois de vislumbrar o quadro que se descortinou à sua frente, voltou a olhar o quarto, entre vendo cores e nuances que sempre estiveram ali e só agora conseguia ver. Repetiu aquela nova forma de olhar, enquanto descia a escada e mais tarde, quando esmiuçou cada canto da casa, investigando. No café da manhã, observava tudo, louças, talheres, as frutas, suas cores por dentro e por fora, o toque no linho da toalha da mesa e no guardanapo. Parecia ter acabado de descobrir o olfato e se deliciava com o aroma do café, do pão quente e do bolo de laranja que a cozinheira tinha acabado de colocar sobre a mesa.

Nos dias que se seguiram, ficou em casa a maior parte do tempo. Lia o que lhe caía na mão, folheava livros de arte, numa investigação minuciosa de quadros, esculturas e objetos, revia filmes que gostava e sobretudo descobria

uma nova perspectiva nas coisas mais prosaicas.

Fazia longos passeios pelo jardim e pelo pomar, descobrindo cores, perfumes e formas, imbuído de uma iminência latente.

Uma manhã acordou e viu o dia cinza, triste. Uma neblina tomava conta de tudo. Era como se tivesse mergulhado num quadro impressionista. A bruma tinha tomado a paisagem, invadido a casa e era tão densa, que parecia concreta e poderia ser cortada por uma lâmina afiada. A névoa atravessou o dia, invadiu a noite.

Uma profunda melancolia se apoderou dele e então resolveu se recolher mais cedo. Chegando ao seu quarto, colocou um disco de Albinoni na vitrola e adormeceu ao som do Adágio. Teve um sono agitado no início, mas durante a noite, foi tomado por uma paz e uma tranquilidade perenes. Sonhou com memórias. Acordou sereno, pensou em Édipo e sua escolha desesperada, mas não havia desespero presente, não havia escolha, apenas nostalgia instaurada. Diante dos seus olhos só havia escuridão. As luzes, as cores e as formas tinham saído de cena sem alarde.

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praínha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Eng^o Mecânico Automotivístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino (35)3465 1355 - 9 9114 9447

NADA SE REFLETE MAIS COMO O ESPELHO INVERSO

ARIOVALDO GUIRELI

1- Enquanto o dogmático se apegava à certeza de uma doutrina, o cético concluiu pela impossibilidade de toda certeza.
 2- Lewis Carrol era professor de matemática na Universidade de Oxford quando escreveu o seguinte em Alice no país das maravilhas:
 “ - Gato Cheshire... quer fazer o favor de me dizer qual o caminho que eu devo tomar?
 - Isso depende muito do lugar para onde você quer ir - disse o Gato.
 - Não me interessa muito para onde... - disse Alice.
 - Não tem importância então o caminho que você tomar - disse o Gato.
 - ... contanto que eu chegue a algum lugar - acrescentou Alice como uma explicação.
 - Ah, disso pode ter certeza - disse o Gato - desde que caminhe bastante”.
 3- “O que se tornou perfeito, inteiramente maduro, quer morrer” (Nietzsche).
 4- A fábula do dia: Estava para ouvir. Então ficava espantado com o tem-

po em que se esperavam: o som e a frase inicial. Era assim que a névoa entendia seu tempo. Sabia, claramente, que dissiparia rapidamente. Precisava ouvir tudo, precisava perceber o que falavam para poder se intuir. Nutria no tempo que lhe proporcionava a visão. Queria então entender que o primeiro grito não fora em vão. Fora como fumaças, sons de bombos, gritos primais, e até mesmo em face do assobio dividido em compasso. Estava, ali, sua aflição, sua figura saliente. Queria mesmo que o braço desenvolvesse o som das palmas mesmo que fosse espalmada em frios olhares. Ainda navegava em rodas distintas, quando na madrugada daquele dia observou. Observou que a vida não acompanhava seu pensamento. O seu raciocínio era além das margens e das setas. Estava para enxergar. Procurava suavemente o encanto dos olhos nos cantos das íris desavisadas que re-florem sementes e polens. Quando muito uma bicada do pássaro preferido. Não é assim que o canto matinal inaugura o sol? Raiando

sua cantilena haverá estridentes gorjeios e também silêncios. Enxergue o seu interior e descanse. Estava para ficar surdo. Não conseguia entender que o pensamento viaja, segue rumos desavisados e não ancora em porto algum. Se alimenta de silêncio e montanhas. Mas às vezes precisa de cantos. Assim como vozes guturais. Como os primeiros vagidos de um recém-nascido. Estava para ficar cego. Não queria ver as novelas, os noticiários, as farsas dos celulares, as bundas das atrizes e seus seios silicoados. Não queria ver o limite das exigências mesmo quando o bilhete da federal ainda não fora sorteado. E pensava, pensava...pensava...pensava...
 5- O Lazo Goiaba no entardecer da cidade alimentava o sonho das enxadas e acalentava as mãos calejadas com o seu programa “A Hora do Lavrador”. E dizia: Você que está descansando da lida ouça esta música de Tonico e Tinoco...
 A vida se transformava em poesia e refletia o consolo de ouvir a alma caipira sem farsa alguma!

SINA DE ESCRITOR

VALDO RESENDE

Como começou nem ele mesmo sabe. Pode ter surgido em distantes manhãs quando, ainda na cama, ouvia as novelas de rádio seguidas por sua mãe. Ou teria sido à noite, em cotidianas reuniões familiares quando as parentes contavam umas às outras tal filme, um capítulo não assistido, um livro lido. Essa mania de contar histórias teria surgido com os casos que, chegando da rua, eram narrados pelo pai para toda a família?
 Havia uma vizinha que contava histórias da Espanha. E o avô, cheio de casos de assombrações. Também umas tias, fofoqueiras, detalhando histórias alheias com pitadas críticas, malefícios misturadas com anedotas. E os padres! Com fatos antigos, de antes do nada. “No princípio era o verbo!”. E vieram as árvores, os territórios, os reis, as viagens.
 Das primeiras narrativas compostas por ele, reconhece as decorrentes das necessidades domésticas. Como está sua avó? Me conta, como foi seu dia na escola? Quero saber direitinho o motivo da sua professora estar me chamando! E ai dele se não apresentasse boas razões para não ter feito as tarefas escolares, ou por ter conversado com os amigos durante a missa. O castigo vinha certo. Junto com as consequências desses corretivos foram

engendradas, com certeza, vinganças espetaculares. Ele iria se matar e ela iria chorar no velório, e passaria a vida a levar flores no cemitério, soluçando, arrependida.
 Do avô ganhou um bloco, lápis, exclusivamente para escrever histórias. E não terminou o primeiro romance, como não terminaria várias outras histórias ao longo da infância, adolescência, juventude. Começava a escrever e no meio do enredo perdia o interesse, achava tudo sem graça. Um dia ouviu que era coisa de gente do signo de gêmeos, deixar coisas pelo caminho. Bobagem! Eram histórias bobas, ruins. Tal qual o exercício que, não se completando, exige do atleta o frequente recomeçar.
 A descoberta mais interessante daquelas fases iniciais veio com a decisão de escrever um diário. Espartano, ele obrigou-se a escrever todos os dias e isso gerava dificuldades imensas quando, o que era bem comum, não acontecia nada de relevante, emocionante, instigante. Os dias comuns são exercícios incríveis para um pretenso escritor. É fácil narrar o quebra-quebra do vizinho, a morte da bezerra, o assalto ao trem pagador. Exercício mesmo é escrever sobre o cotidiano medíocre onde nada de relevante, pitoresco ou dramático acontece. Ele viveu momentos de aprendizado ao ter que ir para além do

aparente.
 De certeza desses tempos de aprendizagem ele tem a escrita enquanto ato solitário. E mesmo quando dizem escrever em conjunto, o ato de elaborar qualquer enunciado antes de anunciá-lo é ato solitário. Alguns vícios também decorreram daqueles momentos iniciais como, por exemplo, escrever à noite. De preferência com mais ninguém acordado pela casa. Foi quando efetivamente criou os primeiros textos; alguns contos, crônicas, poemas, peças de teatro.
 Redigir peças teatrais sob demanda foi eficaz pela imediata exposição dos resultados ao público. A resposta também imediata na reação da plateia, às vezes durante a apresentação. Com temas densos, dramáticos, ele tinha clareza do resultado nos aplausos finais, escassos ou fartos, tímidos ou efusivos. Se era comédia, a angústia era imediata, terminando com os primeiros risos e chegando ao êxtase quando esses se tornavam gargalhadas.
 Escrever profissionalmente, para revistas, jornais, sites, foi percebido como ato fundamental para aprimorar o ofício, esquecer questões adolescentes tipo “só consigo escrever à noite”. Foi o tempo de diariamente entrar em uma redação, ocupar uma mesa e trabalhar, ou seja, escrever o que era preciso, o necessário, o que era esperado ou

ENSINAR, INSPIRAR E LIBERAR

LEONARDO LABEGAINI

A cafeteria estava acontecendo naquela manhã. A vitrine exibia pães de queijo dourados e bolos caseiros ainda fumegantes. Téo chegou com seu caderno de anotações debaixo do braço, cumprimentou o Líder Inspirador e logo se acomodou na cadeira de sempre.
 — Tenho vivido alguns dilemas como líder — confessou Téo, ajeitando a caneta sobre a mesa. — Às vezes sinto que me esforço demais para segurar as pessoas. Uns não querem aprender, outros parecem desmotivados... e ainda tem aqueles que simplesmente não querem mais estar lá.
 O Líder Inspirador sorriu com calma, como quem já sabia para onde a conversa iria.
 — Téo, dentro de qualquer grupo que você liderar, precisa levar três coisas em mente: ensinar quem quer aprender, inspirar quem quer participar e liberar quem quer sair.
 Téo franziu a testa.
 — Parece simples, mas na prática é difícil. Sempre acho que, se alguém sai, é porque falhei.
 — Esse é um equívoco comum — explicou o Líder. — O papel de um líder não é prender as pessoas, mas criar um ambiente em que cada um possa escolher com clareza o seu caminho. Se alguém quer aprender, você ensina. Se alguém quer se engajar,

você inspira. Mas se alguém não quer ficar, o seu dever é liberar.
 Téo mexeu distraidamente na xícara de café.
 — Mas e se eu perder talentos importantes por causa disso?
 — Se alguém realmente não quer estar ali, seguir só vai gerar peso para os dois lados. Pense numa árvore: alguns galhos dão frutos, outros secam. Os galhos que florescem precisam de cuidado. Os que não florescem, às vezes precisam ser podados para que a árvore continue viva e forte.
 Téo respirou fundo. — Então, o problema não está em perder, mas em não saber lidar com cada tipo de pessoa.
 — Exatamente. Ensinar exige paciência e disposição. Inspirar exige exemplo e propósito. E liberar exige desapego e coragem. Esses três movimentos formam o ciclo natural da liderança.
 O silêncio da cafeteria pareceu sublinhar as palavras do Líder. Téo, olhando pela janela, refletia sobre sua equipe. Conseguia identificar aqueles que estavam sedentos por aprender, os que precisavam de

inspiração e também os que, claramente, não queriam mais estar ali.
 — Acho que entendi. Preciso parar de gastar energia tentando agradar todo mundo.
 — Precisa, sim — confirmou o Líder. — Foque em quem deseja estar junto. Quando um líder força permanências, cria ressentimento. Mas quando dá liberdade, fortalece a confiança e o respeito.
 Téo sorriu, como quem recebe uma chave para um enigma que há tempos o atormentava.
 — Ensinar, inspirar e liberar. Três verbos, três movimentos, três escolhas de um líder maduro.
 O Líder levantou sua xícara em um brinde simbólico.
 — E três passos que podem transformar qualquer equipe.
 Enquanto saboreava o café, Téo percebeu que liderar não era sobre controlar, mas sobre conduzir. E que, muitas vezes, liberar alguém era tão importante quanto ensinar ou inspirar. Afinal, um líder que compreende isso nunca perde de verdade: apenas abre espaço para que outros possam florescer.

O SARAU DE DONA SINHAZINHA

Passado quinze dias do sarau realizado Dona Sinhazinha novos convites enviou E um novo dia no calendário foi marcado E impaciente o pessoal esperou

A primeira que assomou à porta foi Adalgisa João Mariano já estava na sala da dona da [casa Já estavam seguindo uma prontidão precisa Que até mesmo o carrilhão precisava

Darinha e Alzirinha da Sinhazinha recebiam [os visitantes Que chegavam muito apurados com suas [vestimentas O friso da calça deve marcar o sapato [brilhante E o Tônico Iracema (com o ó aberto) que [tanto esquenta

Logo Dona Adalgisa dedilha os dedos no teclado O Gumercindo olhando as horas estava estupefato Conferindo seu patacão com o canilhão importado Como se quisesse dar por terminado o sarau com [aparato

Dona Sinhazinha e as filhas acompanharam [a professorinha À de Dona Alice Cancherini Comparim onde [se hospedara João Mariano demorando um pouco mais e [na horinha Foi confabulando com o Gumercindo a noite [preclara

Os dois foram tecendo elogios ao talento da pianista E sentaram no ‘palco da sarjeta’ expressão [do Armandinho E por lá ficaram em êxtase pela noite de conquista E por ali ficaram trocando palavras em miudinho

Devemos saber que Dona Sinhazinha sempre [convidava Para o sarau em sua casa pessoas estimadas Não só os convidavam mas também os [recepçionavam Com tantas iguarias por ela confeccionadas

Tempos saudosos foram aqueles de saraus [e serenatas Onde os amigos músicos gostavam de participar Passavam horas com seus violões e cantatas Mas jamais desprezando boas bebidas [para bebericar

Ao ler a crônica do Ivan Mariano, publicada no Monte Sião, edição 630 – dezembro de 2024)

Arlindo Bellini

SUPERMERCADO SHIMODA
 Onde seu dinheiro compra mais
 Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
 Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
 Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
 A melhor carne da região!
 Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37890-000
 (35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
 ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
 RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

PERSONAGENS

J CARLOS GROSSI

Madrugadas que escrevo são outras histórias, pouco contadas, bastante vividas, de veras sonhadas. Refúgio de liberdade onde personagens me dizem coisas quase nunca sérias, muitíssimo inventadas. E, escrevendo a verdade, meus personagens substituem perfeitamente a realidade. Estão guardados na memória invisível das coisas onde convivem poetas e marinheiros, feiticeiros e cavalos alados.

Em maioria meus personagens são tresloucados ou suavemente extrapolados. Têm manias de viajar no vento. Havia um que adorava os astros. Comprou uma luneta passando a morar no céu, em cometas e galáxias. E ficou endividado com Deus. Não

saberia jamais agradecer o infinito dos poemas de estrelas... Pois um dia iniciou sua viagem cósmica... Ficou embestado e morreu. Já não aguentava ser gente e virou anjo. Alexandre agora deve ter outras histórias e aventuras lunáticas para contar.

Meus personagens são meus. Eu os guardo em segredo. Pode ser que os empreste a quem os goste, mas por pouco tempo. Para devolução quase imediata...

São meus amigos, estes personagens estrelados, que dizem bom-dia aos vadios, que sorriem para mulheres e cavalos, afagam vira-latas e colocam em silêncio moedas de ouro nos chapéus surrados das calçadas.

Coleciono meus personagens. Tenho seus nomes e endereços. Tenho seus sonhos nos meus.

Por isso que prefiro os loucos, os que passam fome e frio por inventarem suas verdades. Que sofrem humilhações por serem inocentes. Que todo dia vazam pelo buraco da agulha.

Guardo comigo seus poemas de peixes e pássaros, de lesmas, abelhas e de mulheres enfeitadas de sábado com flores e minhocas na cabeça.

E assim tenho revivido, quando escrevo, suas gargalhadas de maritaca, suas vozes de guitarra, liberdades de andorinhas e encantos de fadas

Mas, por agora me dê licença que estou de partida no vento. Talvez a gente se veja noutra paisagem, na viagem de algum cometa ou nos bandos de entardecidas garças. Mas também é possível que a gente se esqueça.

RIQUEZA

MARCELO TAVEIRA

Meu avô se chama Anésio Taveira. Neste ano, completou 84 anos de vida. Nascido em 1941, na cidade de Jacutinga/MG, foi um grande homem. E digo grande porque, mesmo sendo avô, me criou como filho. Sempre tive espaço em sua mesa, doçura em suas palavras e amor em seus gestos.

Ele cunhou pra mim o melhor apelido que eu poderia sequer sonhar: me chamava de Riqueza. Veja só, mal ele sabia que a Riqueza quem tinha era eu. Riqueza de conviver com sua presença forte e gentil, de ver a sua luta pela prosperidade da família e de saber que, devoto, sempre esteve disposto a trabalhar pela igreja em que acreditava: a de Deus.

E digo trabalhar porque ele realmente fazia. Do jeito dele. Ao seu modo, porque era só assim que conseguiria. Sujeito autêntico, o caboclinho danado — como gostava de chamar quem

tinha carinho (ou quando não lembrava o nome) — fazia sua parte investindo tempo e sola de sapato. Ia atrás de quem podia ajudar, buscando apoio pras causas da igreja. Saía com sua lista escrita à mão, com nomes e valores já combinados, e voltava muitas vezes com tudo praticamente fechado, só esperando o “sim” do pagador. Tãmanha era sua confiança de que ninguém diria “não” a uma proposta dessas: servir a obra divina. Ainda mais feita por um exímio comerciante, negociador nato, que começou derrubando lenha, virou agricultor e até cantor em dupla sertaneja, dessas que ganhavam concurso de rádio. E como ele mesmo dizia, “não deixava a peteca cair”.

Ao mineiro mais paranaense que já conheci, arrastando o R como poucos, falta-me vocabulário. Não havia assunto de gente estudada que deixasse rastro diante dele, porque agarrou da vida a sabedoria que não se ensina em esco-

la nenhuma — até porque nela só pôde estar até a 4ª série. Talvez por isso o incentivo tão forte pra que nós, os netos, pudéssemos gozar do conhecimento que se encontra nas faculdades climatizadas. Assim como nas músicas que escutava, ele dizia: “a caneta é mais leve que a enxada”. E foi com a enxada que talhou o caminho pra que a gente usufruísse.

Hoje deixa a existência um homem singular, pelo menos pra mim. Num mundo cheio de histórias parecidas, essa é só uma parte do que eu me lembro — e do que me contaram — sobre sua vida e vitória. Parte da vida pra marcar a eternidade como estrela vitoriosa, que venceu a batalha do existir e que, vindo de onde veio, nos permitiu sonhar e viver dias melhores, infinitamente diferentes daqueles em que ele iniciou nosso destino.

Vá em paz, meu avô querido e amado. Riqueza mesmo foi o senhor ter existido.

DE “O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA”

DE SARAMAGO

O rei deu-mo
enfim o navio
qu’eu lho pedi
na porta
das petições

- Deste-mo vazio
reclamei
Sem viveres
não viverei!

“Ora pois pois
tens os porões
Para navegares
bastam os mares
e as estações”

- Traz-me a ilha
que procuras
se é que ela
se deixe conhecer

Velas içadas
saí ao mar
a navegar
nos confins
de mim

e não me encontrei

Eraldo Humberto Monteiro

GANDALF (1969)

MATHEUS ZUCATO

Sempre gostei de enaltecer a música de qualidade. E a década de 60 é especial para mim, pois gerou no mundo do rock (e do folk, do jazz, da MPB etc.) o que depois ficaria conhecido como o “movimento psicodélico”. Num outro dia venho falar do movimento e dos principais artistas surgidos na época (1965-1975) em diferentes línguas, mas hoje quero focar num *album* desconhecido por mim até há pouco tempo, e que me encantou. O título deste texto revela o seu nome, e é homônimo da banda que o produziu, formada nos Estados Unidos da América por Peter Sando (guitarra e vocal), Bob Muller (baixo e vocal), Frank Hubach (teclado, piano e *harpsichord*), Davy (Davey) Bauer (bateria).

O álbum, se não apresenta extremo rigor técnico, explora uma psicodelia barroca atmosférica que nos ganha ao transformar um repertório diverso em um único véu sonoro nebuloso. Gravado num estúdio de Manhattan e marcado por problemas de prensagem e falta de promoção, a obra acabou enterrada na época (e na história), para renascer décadas depois como peça *cult*. Vale perceber como o disco se utiliza de instrumentos como teclados (órgão, cravo, piano), *reverbs* e arranjos contidos, para metamorfosear melodias em pequenas paisagens interiores.

A abertura com “Golden Earrings”, (música de Victor Young), ganha na versão do grupo um tom melódico e melancólico, com ecos e um puxado de cravo que faz da canção uma ótima peça de abertura para o disco. “Hang On to a Dream” (uma das melhores, para mim) e “Never Too Far”, ambas *covers* de Tim Hardin, são interpretadas como baladas marcadas pela melancolia do lirismo, ainda que sejam animadas, “dançantes”.

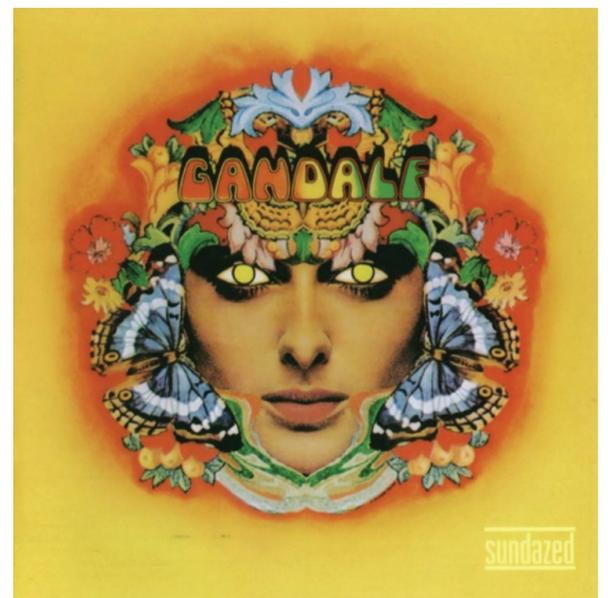
“Scarlet Ribbons” (de Evelyn Danzig e Jack Segal), é um delicado arranjo num clima quase de cantiga de ninar, com uma simplicidade do cravo, do órgão e de vocais suaves cheios de ecos. Me pareceu um hino nostálgico, com uma nova dimensão tocante. A próxima, “You Upset the Grace of Living”, outra de Tim Hardin, vem com um ânimo na batida e belo solos de órgão.

“Can You Travel in the Dark Alone”, composição própria de Gandalf, é melodicamente simples e ganha destaque por meio de uma produção que abusa da psicodelia do órgão, das cordas (contando com uma cítara), percussões e arranjos vocais. Em seguida vem “Nature Boy” (de Eden Ahbez), que, pelo que pesquisei, foi immortalizada por Nat King Cole em 1948; a versão do Gandalf opta por tornar o misticismo da letra ainda mais sombrio, através de uma melodia que poderia classificar como “melo-

dia de casa abandonada”, num lugar onde se depara com as reminiscências memórias de um ambiente outrora alegre.

“Tiffany Rings” e “Me About You” são canções de Garry Bonner e Alan Gordon. A primeira recebe do grupo um trato pop de “orquestra de câmara”, com arranjos limpos, elegantes melodias vocais, e o essencial clima nostálgico do disco. A segunda é outra espécie de hino: a interpretação privilegia sotaques harmônicos em vez de performances agressivas. É, definitivamente, outro ponto alto do disco. A canção que menos gostei é, justamente, a última, “I Watch the Moon”, outra composição própria da banda. A música apresenta belos arranjos instrumentais, mas a melodia vocal não me agradou. Pareceu remendada. É uma faixa deliberadamente experimental.

No balanço final, o interessante disco de Gandalf não possui sua beleza e encanto na inovação radical, mas na unidade de sua estética, pois pinta um corpo sonoro homogêneo e noturno. Em muitas faixas a banda prefere o destaque do timbre ao virtuosismo de *riffs* marcantes, o que pode irritar alguns ouvintes, mas cativa quem valoriza arranjos e atmosferas sonoras. E é isso o que mais me chamou a atenção no *album*: a combinação de belas harmonias, o clima misterioso e nostálgico, o uso de diferentes (e excêntricos) instrumentos, aliados a uma coerência sonora interna. Parece-me de certa forma que quando o conheci, o disco foi a mim “sonhado”, e não ouvido. Por isso continua a tocar no fundo da cabeça, de novo e de novo, a evocar constantes saudades de uma época que infelizmente não vivi. Fica a recomendação!



sundazed

MORENA

Oh! Flor morena,

De olhar penetrante!

Chegou e ficou.

Yoshiharu Endo

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

O RETORNO DE UM SONHO – PARTE 1

DURVAL TAVARES

Pois é, com um “poizé” o maestro Parmiro assim começou a escrever no verso de uma folha que continha os versos de sua composição “Saudade de Manguá”, o planejamento de volta pra casa.

O que escreveu, segundo Zio Bataglia, era mais ou menos isso:

“Pois é, mergulhamos num sono profundo aqui neste lado do mundo e começamos o sonho em Monte Sião, onde encontramos o Ivan, o Tião Genghini, o Mário Zucato, o João Gibão, o Hugo, o Zico Tropeiro, a Dona Gi, a Dona Adalgisa e um punhado de boa gente, Em Ouro Fino, do Pe. Alcino, do famoso menino, da famosa porteira. Falar muito é besteira, melhor viver por aqui sem pensar em sair. No entanto, a saudade é sorrateira e Manguá não nos deixa esquecer que temos nossos amigos, nossos filhos e netos lá, que lá temos um lar. Parece que chegou a hora de voltar e, com certeza, aumentar o número de lugares dos quais a saudade nos acompanhará. Onde hoje estamos formamos grande amizade, fomos bem recebidos na sociedade, na verdade, em ambas as cidades. Chegou, no entanto, a hora de acordar de tão belo sono, de sonhar o sonho acordado, de voltar para nosso recanto, nosso trono sem ser rei, bem sei. Hoje,

dia 20 de dezembro de 1962, planejaremos a volta triunfal. Começaremos verificando se o Nash, tanto tempo sem rodar, conseguirá pegar normalmente ou só no tranco. Depois decidir o que fica e o que vai. Combinar (ou proibir) para que a Ema não aqueça sua voz no caminho, fechar a tramela e priorizar o olhar na natureza, o girar da manivela e baixar o vidro da janela para sentir o frescor e o aroma da vasta vegetação em toda a região, tão bela. A despedida dos amigos de Ouro Fino, a começar pelo nosso já bem conhecido e amigo Padre Alcino, não poderia ser demorada para não mostrar toda face molhada. Não assinaremos o livro como visitantes, mas desta feita o autografaremos por gratidão e pela amizade desenvolvida ao longo dos meses.

O trabalho em Ouro Fino estava quase pronto. Caberia agora ao Pe. Alcino e ao Prefeito a condução do projeto. Coral da igreja formado e bem ensaiado pela Ema. Coreto desenhado, local acertado, banda “Os Finos de Ouro Fino” constituída e o Sr. Porfirio, verdadeiro entusiasta e conhecedor musical, escolhido como o novo maestro da cidade. Certamente será um sucesso.

Sairemos no dia seguinte, uma sexta, bem cedo, daquela aconchegante pousada da mulher do Mengo, a Ourives, que tão bem nos acolheu. Com

ela deixaremos porcelanas adquiridas em Monte Sião em sinal de apreço. São porcelanas compradas que seriam sabiamente entregues à dona Ourives, da pousada em que ficamos lá na terra do menino da famosa porteira, ou do famoso menino da porteira, ou do famoso menino da famosa porteira, ou, ainda, do boi sem coração. Louças tão belas que deixaram a mulher do Mengo

vamos ficar longo tempo na região e, assim, com a demora, as malhas adquiridas em larga escala muito provavelmente não serviriam mais nos meninos. Afinal, criança cresce. As compras realizadas em Monte Sião teriam sido por impulso? Será? Compras feitas porque a Ema gostou demais da conta do que viu nas vitrines.

(POEMA ESCOLHIDO)

O que não escrevi, calou-me.

O que não fiz, partiu-me.

O que não senti, doeu-se.

O que não vivi, morreu-se.

O que adiei, adeu-se.

Affonso Romano de Sant’Anna

louca por elas. Ficarão com os Padres João Rabelo e Alcino as peças de vestuário para crianças adquiridas em Monte Sião. Roupas adquiridas, há meses, para nossos netinhos, mas que ora encontrarão outros pelo caminho. Não imaginá-

Não seria problema comprar novo vestuário e nem tão belas porcelanas porque a conta não era de grande monta. E não se diga que somos compradores compulsivos porque as despesas cabiam bem no bolso e não nos causaria dificuldade financeira.

Aqui fica reservado um espaço para que o leitor medite e faça um teste para saber se é um comprador compulsivo. Verifique se você, leitor: (a) faz compras excessivas e desnecessárias; (b) tem dificuldade em controlar os impulsos; (c) tem problemas financeiros; (d) tem consequências emocionais; (e) se suas compras causam impactos com familiares. Dona Ema agiu como se fosse uma compradora compulsiva, também conhecida como oniomaniaca (alguém que sente uma necessidade incontrolável de comprar, mesmo que não precise dos itens ou não possa pagar por eles). Essa compulsão é um transtorno psicológico, e não apenas um hábito de consumo excessivo. O comprador compulsivo busca no ato da compra uma forma de lidar com questões emocionais, como ansiedade ou depressão, mas a satisfação é momentânea, levando a um ciclo vicioso de compras e arrependimento. Após o teste, saberá se você sofre de oniomania. Adianto que fazer o teste em Monte Sião é bobagem, não funciona, porque lá há motivos de sobra para se comprar. Aliás, difícil saber se há compulsividade em compras na cidade de MS. A qualidade e o preço são convidativos, motivos mais do que suficiente para se comprar. E, vinda de Manguá, onde nada se encontrava por lá, o que Ema queria era mes-

mo comprar. Embora o porta-malas do Nash não seja tão grande, sem passageiro no banco traseiro, há espaço suficiente para levar toda a mercadoria. Espaço comprometido caso a Ema descumpra o trato, porque aí só no banco traseiro poderia ficar para não tirar a minha concentração ao volante.

Voltando à vaca fria, programada a viagem de volta, restava incluir na bagagem, a servir de boas lembranças, algumas lambanças. “Come è brutta la vecchiaia!, palavras do Genghini”. Tão boa foi a comilança que evitaremos por bom tempo a balança, com o que a Ema concordou comigo plenamente, nada tão comum assim. Na volta, uma boa parada em Monte Sião, algo obrigatório, algo feito por osmose (algo involuntário, automático, sem a necessidade de esforço consciente – sugiro estudar um pouco dessa química que há no ar, caso queira se aprofundar no assunto, porque dificilmente se aprende alguma coisa útil sobre química apenas por osmose).

O certo é que, em Monte Sião, ponto de parada obrigatória, não ficaremos parados um só instante. As amizades ali formadas não nos deixaram e não nos deixarão acomodados, ou incomodados, o que sempre é muito bom. Ponto, tudo planejado, tudo pronto para pegar o caminho da roça.

Arrivederci Oro Fine.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

CADA ASSOMBRAÇÃO...

PASCOAL ANDRETA

A noite estava escura. Sem luz elétrica e sem luar, Monte Sião se assemelhava a um cemitério de túmulos alinhados ao longo de ruas desertas. O silêncio era rompido, vez ou outra, pelos frufus de asas, pios de corujas,

coaxar de sapos, uivos de cães, mugidos de vacas e gritos de aves noturnas. Torpor, prostração, nostalgia, angústia, desconsolo, pasmaceira!

– Noite boa pra desenfundar assombração! – falou o Zeca para seu amigo Afonsinho. – É só chamar no pio...

– Não abuse não, que tem coisa que a gente não sabe explicar! – exclamou o Afonsinho, persignando-se. – Certa vez, o Zequinha foi pescar no poção do Eleutério, perto do Parolim. Iscou o anzol e atirou na água: tchi-gum! Perto dele, a menos de um metro, outro anzol, porém oculto, bateu na água também: tchi-gum! O Zequinha puxou a vara, balançou a linha e soltou a chumbada: tchi-gum! Tchi-gum!, respondeu a chumbada misteriosa. Tornou a puxar a linha, fez de conta que ia atirar o anzol na água, mas seguiu a linha no ar, querendo lograr o companheiro indesejável. Nada! Virou as costas pro rio, assim como quem não quer mais pescar e, rápido, sem que o outro pudesse perceber, atirou o anzol na água: tchi-gum! Tchi-gum!, replicou o anzol assombração. O Zequinha deu no pé. Ao contar na venda do Cassianinho a história do

pescador invisível, ficou sabendo que lá, no mesmo poção, havia morrido afogado, quando pescava, o filho do finado Gardêncio...

– Que nada! Eu não acredito nessas baboseiras! O Lourenção, certa noite, entrou no boteco do Artur sem fôlego de tanto correr e com a língua de fora como cachorro perseguido depois de perseguir a caça, e desmaiou. Quando voltou a si, pôde, com muito custo, dizer que uma rede de defunto, atravessada no caminho, tinha lhe barrado a passagem. Não acreditei. Fui ver de perto. A rede de defunto do Lourenção era uma poça d’água iluminada pela lua...

– É! Mas o Mariano já viu o Eugênio virando lobisomem...

– História! Dizem também que nesta rua, à meia noite, costuma rondar uma enorme mula sem cabeça, com um cinorro na testa... Pois eu gostaria de

ver esse bicho!

Nem bem as últimas palavras tinham sido pronunciadas e as batidas metálicas de uma misteriosa campainha feriu o silêncio da noite morta. O Afonsinho, apavorado, apontou um misterioso vulto que, calmamente cruzava a esquina da cadeia em direção ao cemitério, tilintando um cinorro invisível. Era um vulto de alma penada, semelhante a um animal, todo branco e... sem cabeça!

– Misericórdia! Pois não é...

O Zeca não terminou: virou nos calcanhares e saiu numa carreira doída, desabrida, seguido de perto pelo Afonsinho. No dia seguinte, no boteco do Artur, comentou o caso da noite, floreando o acontecido com sua costumeira gabarolice:

– Credo! A mula era do tamanho das casas e o cinorro badalava como sino de igreja. Não tinha cabeça e soltava fogo pe-

las ventas como as chaminés dos trens da rede Mineira! Ao passar por nós deixou um cheiro de enxofre... Eu quis riscar um fósforo para ver melhor a deformidade, mas... cadê a caixa? Tinha sumido do bolso! O bicho soltou um relincho de pouco caso que me pôs o sangue a ferver! Saquei da faca e calquei o ferro. O aço relampejou no ar, mas eu só cavouquei a escuridão. A renegada desapareceu da minha vista e saiu relinchando lá adiante! Aquilo era assombração das legítimas!

O Chiquinho Fiscal, depois de ouvir a história toda, sorriu e explicou:

– Olha, a sua assombração está presa no Curral do Conselho...

– Curral do Conselho?

– É. A mula sem cabeça que vocês viram ontem era a vaca branca de cabeça preta que escapou à noite do curral do seu Oscar e saiu andando por aí...

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegaliní (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegaliní (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegaliní, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ison João Mariano Silva (*in memorian*), Ivan Mariano Silva (*in memorian*), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (*in memorian*), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegaliní, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegaliní, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegaliní (*in memorian*), Valdo Resende e Zeza Amaral (*in memorian*), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegaliní

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Setembro de 2025

Nº 639

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Outubro de 2025

Dia 01 Helen Cristina Moraes Luiz Francisco Faria Ingrid Ap. Toledo Cecília	Dia 14 Evaldo Gomes da Silva Roselene Veloso Labegalini Cristina Tavares Bressan Antonio Nivaldo Diniz
Dia 02 Gabriel Labegalini S. Pupo Orlei Ap. Labegalini Everaldo Luiz L. Oliveira	Dia 15 Alan Gaioto Benatti Jair Francisco Odinino Roseli Gomes de Moraes
Dia 03 Thaís Pereira Vilas Boas Lara Rielli Dematei André Labegalini	Dia 16 Luiz Augusto V. Labegalini Ivone Abrão Mussi Silva Maria Ely Monteiro Castagna Valdene Reis Canela Pery de Oliveira Costa
Dia 04 Francisco Otávio Gottardello Vinícius Gottardello Lopes Vitório Francisco Biscuola	Dia 17 Andiara Silveira Andreta Benedita Natalina Augusto Carlos Otávio Alves Pereira
Dia 06 Priscila Tavares da Silva Mônica Zucato Robert Maria Edna Zucato Rafaela Jácomo Batista Lucas Gomes Cruz Labegalini	Dia 18 Helena Monteiro Mussi Marina Righete Patrícia Campos Freire Lourdes Labegalini Monteiro
Dia 07 Alexandre da Fonseca Jorge da Silva Shinohara Marcos da Silva Shinohara Rita de Cássia Bernardi Lourdes M. Corrêa Ribeiro Ediana Cláudia Silvério Edvaldo Takahashi Eduardo Robert	Dia 19 Júlio César Artuso Jheniffer Moraes de Oliveira Deyse Maria S. Labegalini Maria Regina Nicoli Isabela A. Lamare A. Ruiz Rafaela de Castro Canela Ivanir Comune Bernardi Ana Lúcia Queiróz Righete
Dia 08 Ana Carolina Bossi Veloso João Vitor Couto Odinino Alexandre Cley Araújo Maria Antonieta Z. Gaspardi Jair Francisco Ruiz	Dia 22 Henrique Monteiro Guinesi Marco Antonio Alves Tatiana Bourqhet Machado Ana Rita de Paula Martins Elzir Moreira da Costa
Dia 09 Dalva Ap. Souza Bueno José Rafael de Castro Ribeiro Benedito Mendes C. Sobrinho Julines Martins Vedovoto Mariana Silvério da Silva Priscila Ribeiro Corrêa Eliana Labegalini Marcos Aurélio Domingues	Dia 23 Luiz Righete
Dia 11 Ramiz Caetano Monteiro Cássio Righete Souza Bueno Cristiane Evangelista	Dia 24 Flávia Regina de Souza Costa Rogério Jácomo Batista Áurea Comparim
Dia 12 Marina Ap. Barbosa Virgílio Maria Ap. Monteiro Reginato Benedita Marques Corrêa	Dia 25 Getúlio Brasil de Oliveira Ronny Bernardi Silvério Áureo Massao Saguisaka
Dia 13 Lucas Righetto Pastre José Alexandre Macedo Cleuza Alves Danilo Blumer Le Grazie Laís Rossi Oliveira Daniela Canela Aline Antunes da Costa Ádina Maria P. Machado	Dia 26 Tatiane Antunes da Costa
	Dia 27 Cristiano Caroli
	Dia 28 Karina Monteiro
	Dia 29 Aline Simões Comune Jorge Luiz G. Silva Adriana Righete Mário Márcio Zucato
	Dia 30 Bruna Suélen Del Kuminnwpfer Fábio Monteiro Reginato Maria de L. Souza Bueno Walkiria Canela
	Dia 31 Carlos Adalberto Daldosso Madelaine Genghini Rosa Blumer Le Grazie

A todos, as felicitações da Redação!

EVENTO BRILHANTE EM 30 DE AGOSTO

Brilhante a festa de 30 de agosto de 2025, nas dependências do Colégio Monte-Sionense. Na concorrida premiação dos autores selecionados, da leitura das principais poesias, já publicadas na Ed. 638 de agosto de 2025 do Monte Sião e, em tomo especial documentando as obras vencedoras do XXIII Concurso "Fritz Teixeira de Salles" de poesia, este disponível no Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião para consulta ou aquisição. Em seguida ao evento, continuou o coquetel fornecido pelo Circulo Ítalo Brasileiro de Monte Sião, pelas mãos laboriosas de Lúcia Gotardello, seu marido Paulo e de Mario Lúcio Gotardello. Durante o coquetel, em animada confraternização entre os presentes, ocorreu o lançamento simultâneo de quatro autores monte-sionenses, a saber: Ariovaldo Guireli com o livro "Mais Forte Que o Espanto!"; Matheus Zucato, com o livro "Profetas e Reis na Babilônia de Néon"; José Carlos Grossi, com o Livro "Contos Absurdos" e a jovem escritora Clara Sofia, com o livro "O Gato Salém". Nos próximos meses faremos a leitura e resenharemos cada um deles. Cumprimentos à FCPA que acolhe e apoia os autores de nossa terra por intermédio do projeto "O Semeador de Livros". Na ocasião, foram distribuídos, também, os tomos do "II Concurso "Ivan Mariano Silva" de Contos, 2024, realizado sob a coordenação do escritor Matheus Zucato. Boa!

APAE MONTE SIÃO – DESFILE DE 7 DE SETEMBRO

A Diretoria, os Docentes e os Facilitadores da APAE Monte Sião promoveram a participação da fanfarra formada pelos seus alu-

nos que galhardamente desfilaram e, com orgulho, rufaram seus tambores na comemoração da independência do Brasil. Parabéns!

A ESCOLA DO GUINÉ

Dirigida há mais de 20 anos com sabedoria e dedicação pela professora Rosana Trindade, a Escola do Guiné acabou de receber mais de 80 livros para composição de sua biblioteca e para que seus alunos desenvolvam atividades paradidáticas. Muito oportuno. Parabéns!

A PONTE DO NENÊ TROPEIRO

Pelo guaiú da inauguração, a churrascada, as rodadas de caninha e as modas de viola, a nova ponte do Nenê Tropeiro foi um sucesso. Obra importante e oportuna que irá melhorar as condições para os usuários daquele caminho. Quem gostou, mesmo, foi o meu amigo Zé Pardinho (a cara do Nenê Tropeiro). Boa, Dr. Juninho!

PORCELANA MONTE SIÃO, O CARTÃO DE VISITAS DA CIDADE!

A Porcelana Monte Sião, patrimônio cultural da cidade, acerta ao gravar vídeos promocionais incluindo a participação e os depoimentos de funcionários, fato que contribui para aumentar ainda mais a credibilidade e reforça a imagem do produto. Parabéns!

FESTA ITALIANA!

Foi no final de semana, de 12 a 14 de setembro, que a comunidade de oriundi se reuniu na Alameda da Praça Prefeito Mário Zucato para um final de semana de músicas típicas, comilança e muita prosa. É muito rico cele-

brar as tradições de nossos nonni (avós) e imaginar, por algumas horas, que estamos nos braços da bella Itália!

RESENHA – “O GATO SALÉM”

Como disse José Carlos Grossi, "O Gato Salém" é a deliciosa leitura de uma novela policial com dois misteriosos personagens envolvidos numa intrigante narrativa. Pois, assim surge a magia da precoce escritora Clara Sofia, com apenas 12 anos, nos trazendo o obscuro universo das tramas diabólicas". Clara Sofia é uma garota ousada e persistente, dessas que criam e buscam dar vida à sua criação, tanto que, ao procurar a diretoria da FCPA, chegou com um caderno e foi logo intimando: "Eu escrevi um romance. Está aqui". É claro que o projeto "O Semeador de Livros" a acolheu imediatamente. Boa pegada, Clara Sofia... deu certo!

TEMPO DE ESTIAGEM, TEMPO DE REPARAR ESTRADAS!

Prefeituras, aproveitem o que resta de estiagem para reparar as estradas rurais, porque o povo da roça pode parecer invisível, mas são contribuintes, produtores rurais e munícipes com todos os direitos que lhes são assegurados. Força, pessoal!

TREVO ESQUISITO!

Dia desses, vi pelo Facebook, o Edu Godoy publicando um vídeo onde um veículo, modelo Gol, preto, veio na maior contramão justamente no trevo esquisito. Eita!, esse trevinho feio ainda vai ser palco de muita história triste. Por enquanto, que tal reforçarem a sinalização, inclusive a sinalização de pista que está totalmente mal posicionada e mal dimensionada. Pau que nasce torto... morre torto!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

JEITINHO DE FLOR marcha-rancho

IVAN MARIANO SILVA

Tens no balanço do andar
 Todo o orgulho e frescor
 Tens o jeitinho de estar
 Com o jeitinho de flor
 Só em brincar de olhar
 Só em fingir de calor
 Queres de mentira me amar
 Com inocência de flor

Quero esconder teu perfume
 Sei que é um tolo ciúme
 É que esta gente traz dor
 Pois se todos te cheiram
 Um cheirinho de flor
 Grito que não quero te ver
 Minto pra fingir te esquecer
 Falo que perdeste o sabor
 Mas eu juro que tens
 O gostinho da flor.

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
 CONTABILIDADE
 (35) 3465-1635
 3465-4404
 R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO
 BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
 VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
 A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
 AGRADECEMOS SUA VISITA
 Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

TELESON
TELECOM

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
 Monte Sião: (35) 3465-4963
 WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- **Teste do Pezinho ampliado**
- **Credenciamento com os Laboratórios:**
 GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
 HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
 Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
 Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
 Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180